

## Sob a superfície serena do verso

Antonio Carlos Secchin

(Caderno *Prosa&Verso*, *O Globo*, 6 de fevereiro de 1999  
reimpresso como *Plural de anjo* em Antonio Carlos Secchin,  
*Escritos sobre poesia e alguma ficção*. Ed. UERJ, 2003)

O escritor e artista plástico Renato Rezende vem compondo sua obra literária à margem das querelas e à distância dos grupos que predominam em nossa cena poética. Desde *Passagem* (1990), até o recém-lançado *Asa*, atravessando ainda *Aura* (1997), Renato desenvolve uma poesia extremamente despojado do aparato 'literário' entendido como artifício ostensivo ou malabarismo verbal. Seus textos, avessos aos imperativos (e aos imperadores) do construtivismo, nem por isso podem ser catalogados como ingênuos, apesar de tangenciarem as águas algo traiçoeiras do confessionalismo. A simplicidade de Rezende, todavia, não se confunde com a simplificação ou a facilidade de recitar respostas meramente emotivas frente aos danos do real.

Perpassa-lhe a obra, e a esta *Asa* em particular, um conflituoso movimento de celebração e de contestação do espetáculo da existência: sob a superfície serena do verso, bate, inverso, o coração em desnorteio do poeta, instilando a estranheza em paisagens de suposta placidez. Aturdido diante do que intui como falta ou fratura em meio à festa geral, é antes pela saudade do impossível do que pela ironia frente ao palpável que se tece a poesia de Renato. A medida miúda do cotidiano é a sua melhor referência: não para capturá-lo fotograficamente, mas para revelá-lo sob o filtro de um súbito distanciamento, porta-voz errático de um desejo de transcendência. Daí, em Renato, tantas convocações à figura do anjo, mas um anjo também sexuado e

terreno, que operasse a síntese entre a matéria-nossa-de-cada-dia e o sonho-nosso-de-cada-noite.

Trinta e uma peças integram *Asa*, livro-objeto em papel vegetal enriquecido de delicadas ilustrações do próprio autor. Os poemas, em geral bastante curtos, com métrica e estrofação livres, não registram, ao contrário de *Aura*, local e data de escrita, dados relevantes num poeta-andarilho que circulou entre o Brasil, a Espanha, a Itália, os EUA, o México e a Índia. Mas talvez a omissão do nosso livro se explique pela ênfase concedida não ao espaço múltiplo que se percorre, e sim à asa coesa que o sobrevoa, reconhecendo que nenhum lugar é seu ponto de pouso. Tal sensação de exílio se materializa também no desenho do pássaro solitário que transpõe o miolo do texto e vai alojar-se num canto vazio de quarta capa do livro. O exercício artesanal do verso é relegado a plano secundário, em prol do registro impactado das fulgurações epifânicas da realidade. Tal opção, sem dúvida, implica alguns riscos, dentre os quais, por exemplo, a subestimação dos componentes melódico-rítmicos dos textos, mas ela parece responder de perto às inquietações de um poeta mais seduzido pela plasticidade do que pela música do mundo. Erguendo um território onde “o estrangeiro está bem mais próximo/ do que pensamos habitualmente”, Renato elabora uma poesia que se abastece no precário e que, resistindo à solenização do cotidiano, se arrisca a mergulhar no entrechoque da paixão, este “cogumelo venenoso/ que brota durante a noite úmida:/ não alimenta, queima, apenas queima”.